

Dom Maurício Prichzy: um beneditino boêmio no sertão cearense

*Dom Maurício Prichzy:
a Bohemian Benedictine in the Backlands of Ceará*

*D. MAURO MAIA FRAGOSO, OSB**

Resumo: Mais do que um artigo propriamente dito, o principal objetivo desta publicação é salvaguardar a memória de um venerável monge beneditino e a redação de uma crônica escrita pelas mãos de um cronista incógnito, que deixa transparecer a amistosa convivência de uma comunidade estrangeira implantada no interior do Ceará, em meio à luta pela sobrevivência da Congregação Beneditina do Brasil, mediante os socorros prestados pela sua congênere alemã sediada na Abadia de Beuron. A crônica está integralmente inserida entre uma breve apresentação e, igualmente, uma breve conclusão, no intuito de contextualizar a notícia fúnebre em meio à edificação do patrimônio e ao extermínio da comunidade beneditina devastada pela febre amarela e pelas prolongadas secas no sertão cearense.

Palavras-chave: Maurício Prichzy. Empatia. Monaquismo beneditino. Quixadá. Ceará.

Abstract: More than an article in itself, the main objective of this publication is to safeguard the memory of a venerable Benedictine monk and to write a chronicle written by an unknown chronicler who reveals the friendly coexistence of a foreign community established in the interior of Ceará amid the struggle for survival of the Benedictine Congregation of Brazil, through the aid provided by its German counterpart based in the Abbey of Beuron. The chronicle is fully inserted between a brief introduction and, equally, a brief conclusion, with the aim of contextualizing the news of the

* D. Mauro Maia Fragoso, OSB é monge do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro; doutor em Geografia na linha de pesquisa Cultura e Natureza pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professor da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro (FSBRJ). E-mail: maurofragoso@gmail.com

funeral amid the construction of the heritage and the extermination of the Benedictine community devastated by yellow fever and the prolonged droughts in the Ceará hinterland.

Keywords: Mauricio Prichzy. Empathy. Benedictine monasticism. Quixadá. Ceará.

A trajetória da Congregação Beneditina do Brasil

A origem da Congregação Beneditina do Brasil remonta ao ano de 1580, quando o Capítulo Geral da recém-criada Congregação beneditina portuguesa aprovou a fundação do primeiro mosteiro beneditino em terras americanas. Fundado o Mosteiro em Salvador, na Bahia, ainda naquela mesma década, fundaram-se outros dois cenóbios: um na cidade do Rio de Janeiro e outro em Olinda, estado de Pernambuco. Em 1596, os três mosteiros foram agrupados como Província da Congregação portuguesa (*Bezzerro I; Dietário*, 2009, p. 62-64; Frágoso, 2015).

Ao longo do século XVII, a Província se desenvolveu com a fundação de outros mosteiros na Bahia, São Paulo e Paraíba. Com a Proclamação da Independência do Brasil, em 1822, o imperador Dom Pedro I achou por bem atrair para si também o regime do Padroado em voga na Coroa portuguesa. A fim de que a Independência fosse mais radical, sentiu necessidade de prover também a independência das ordens religiosas em relação à antiga metrópole. Foi assim que, por meio do representante do Brasil junto ao Vaticano, em 1827, conseguiu do Papa Leão XII a Bula *Inter gravissimas curas*, separando a Província brasileira da Congregação portuguesa, elevando-a ao status de Congregação (Luna, 1947, 1953).

Contudo, durante o Segundo Império, no ano de 1855, os noviciados foram fechados e, consequentemente, as comunidades religiosas vigentes no Brasil entraram em colapso devido ao falecimento dos seus integrantes e à impossibilidade de renovação dos quadros. A solução desse problema veio com a Proclamação da República e o consequente fim do Padroado, quando, então, Frei Domingos da Transfiguração Machado, Abade-Geral da Congregação Beneditina do Brasil, recorreu ao Papa Leão XIII, implorando auxílio para a revitalização dos beneditinos brasileiros. Diante desse pedido de socorro, Leão XIII recorreu à Congregação Beneditina de Beuron, que aceitou a incumbência de revitalização e enviou Dom Gerardo van Caloen, chefiando a comitiva portadora da seiva revivificante.

A revitalização teve início pelo Mosteiro de Olinda, em Pernambuco, no ano de 1895 (Luna, 1947; Scherer, 1965). Em dezembro daquele mesmo ano de 1895, Dom Gerardo van Caloen reabriu o noviciado, impondo o hábito monástico aos futuros Dom Amaro van Emelen e Dom Martinho Moreau, belgas, e Dom Leão Dias Pereira, português. A atuação da Congregação alemã logo se tornou conhecida na Europa atraindo a juventude de diversos países europeus que desejavam atuar no Brasil. Assim, em março de 1898, o Mosteiro de Olinda já contava com 11 noviços destinados à revitalização dos outros mosteiros brasileiros. No entanto, dois surtos de febre amarela, um no ano de 1897 e outro em 1899, que ceifaram a vida de alguns integrantes da comitiva europeia, levaram Dom Gerardo van Caloen a procurar ambiente mais saudável e com temperaturas mais amenas, o que encontrou na Serra do Estêvão, município de Quixadá, para onde transferiu os formandos (Jongmans, 1972).

Dom Maurício Prichzy: um bendito beneditino no sertão cearense

Dom Maurício Prichzy nasceu em 16 de abril de 1870, em Rosenberg, na Boêmia, e, na pia batismal, recebeu o nome de Adalberto. Perdeu a mãe aos quatro anos de idade e o pai, aos sete. Órfão de mãe, passou a ser educado por uma tia. Com um tio que era livreiro, aprendeu o ofício de encadernador, o que despertou nele o interesse pelos estudos. À noite, lia e estudava as obras que devia encadernar. Encorajado por uma irmã que já se fizera religiosa, aos 19 anos de idade, ingressou no Mosteiro de Emaús, em Praga, capital da atual República Checa. Devido à tuberculose, teve de interromper os estudos e prolongar o postulante por três anos, no fim dos quais ingressou no noviciado, recebendo, então, São Maurício por seu padroeiro onomástico. Professou em 26 de abril de 1896 e, em 1898, foi enviado para o Brasil, a fim de colaborar com seus confrades da Congregação de Beuron. No Mosteiro de Olinda, continuou seus estudos eclesiásticos e, durante o segundo surto de febre amarela, serviu caridosamente à comunidade na condição de enfermeiro.

Durante a epidemia de 1899, acompanhou Dom Gerardo van Caloen na viagem ao Ceará em busca de local apropriado para a fundação do novo Mosteiro. Havendo regressado à Olinda com a saúde debilitada, com o intuito de se convalescer, foi enviado ao Mosteiro de Emaús, onde havia ingressado, e, ali, recebeu a ordenação sacerdotal, fez um aperfeiçoamento na Escola de Arte de Beuron e, em 1901, regressando ao Brasil, foi nomeado Prior do Mosteiro de Santa Cruz. Nesta condição, deu continuidade à obra iniciada pelo antecessor, Dom Majolo de Cagny, e construiu o Colégio São José, inaugurando-o em 1903.

Uma vez feita a contextualização e a apresentação de Dom Maurício Prichzy, segue a narrativa dos seus últimos momentos de vida e os primeiros passos de sua comunidade, agora, sem a sua presença física. No entanto, convém salientar que, no intuito de conservar a originalidade do manuscrito redigido há mais de cem anos, quando as regras ortográficas da língua portuguesa eram outras, e, além do mais, escrito por um estrangeiro que não dominava totalmente o idioma, na medida do possível, o texto foi transcrito de maneira a permanecer o mais próximo possível do original. Algumas poucas alterações se fizeram necessárias, a fim de facilitar a compreensão do leitor hodierno.

Crônica da morte de Dom Maurício Prichzy: Prior da Abadia de Santa Cruz

Fugitiva e espalhada tornou-se a Comunidade de Santa Cruz, pela morte inesperada do seu digno Prior de saudosa memória. Em tais condições, os caros Irmãos desculparão o aparecer tardio do relatório deste falecimento amargamente sentido por nós todos pela cruel privação, que nos fez tão de imprevisto, de outra parte, porém, tão edificante, consoladora e, sobremaneira, preciosa, por dar-nos uma fiel imagem de como morre o verdadeiro servo do Senhor.

Desde o primeiro momento de sua fundação, o Mosteiro de Santa Cruz tem atravessado muitas e gravíssimas tribulações. A origem mesma de Santa Cruz não foi senão o puro efeito de uma cruz, a saber, da afamada Febre Amarela que, em 1899, assolou o Mosteiro de Olinda. Justamente por ser a filha de uma grande cruz é que o Abade fundador deu à nova fundação no Ceará o nome de Santa Cruz.

Até o começo do ano passado, Deus, ao menos havia poupado as vidas dos habitantes de Santa Cruz; mas no mês de fevereiro, de 1906, a cruel e implacável morte introduziu-se no Mosteiro e, não contente com ter nos tirado, na festa da Purificação de Nossa Senhora, o nosso bom Irmão leigo, Benno Aman, colheu também a primeira e mais bonita flor de nosso Colégio, o aluno José Maria Viana Albano (o primeiro que se matriculou em 1903), e agora, esta mesma morte implacável, acaba de arrancar-nos aquele que era (por assim dizer) a vida do Mosteiro de Santa Cruz e do Colégio São José. Sim, o falecido Dom Maurício era a alma de tudo. *Omnibus omnia factus* estas poucas palavrinhas dão um fiel e exato resumo do que o chamado defunto era; elas não precisam de uma prova escrita, pois provam-nos eloquentemente as obras de Dom Maurício no Ceará. Como Prior de Santa Cruz, não deixava nada que desejar quanto ao exatíssimo cumprimento de todos os diversos deveres de seu cargo; como Reitor do Colégio de São José trabalhava dia e noite para a prosperidade material e para o progresso intelectual e moral dos alunos. Dom Maurício era um homem extraordinariamente ativo que não sabia o que era fadiga. Sem interrupção, lidava

todos os dias em prol do Mosteiro e do Colégio e, não foi senão, o excessivo trabalho que (humanamente falando) fê-lo sucumbir.

Para dar uma pequena ideia de quanto nosso falecido Dom Prior era laborioso, basta lançar um rápido olhar sobre o último ano de sua preciosa vida.

Deixando de lado todos os deveres e exercícios monásticos, aos quais Dom Maurício como um monge e Prior exemplar, sempre presidiu com a maior exatidão e que por si só já são suficientes para gastar as forças de uma pessoa, máxime em circunstâncias, como as apresenta a Serra de Santo Estêvão, o caro defunto não se concedia um só momento de descanso. Ainda que reitor do Colégio, dava ele mesmo grande número de aulas em diversas classes como: Alemão, Aritmética, Desenho etc. Sacrificava também horas de seu preciosíssimo tempo para vigilância do Colégio. Fazia tudo isto, como muitas vezes o repetia em seus nobres sentimentos para não sobrecarregar os outros monges, cada um dos quais tinha bastante que fazer, sendo o número deles muito reduzido.

Dirigia além disto, como quem tinha feito as plantas, todas as obras e construções. Ainda no ano passado, trabalhou muito na construção de um novo lance, ao lado esquerdo da nova Capela, que primeiro devia servir de Mosteiro para mais tarde passar ao serviço das classes do Colégio. Seus inumeráveis trabalhos na cura das almas no sertão do Ceará e sua sábia e prudente direção do florescente Instituto das Oblatas Beneditinas em Fortaleza, que ele mesmo fundou, não concorreram pouco para imortalizar seu nome entre o povo cearense, que o amava e venerava. Não era para estranhar que finalmente sua força física devia quebrar debaixo deste peso enorme; via-se tremer sua mão, quando levantava qualquer objeto até muito leve. Com tudo isto, conservava Dom Prior sempre seu gênio animado, alegre e tranquilo.

Chegou o fim do ano escolar de 1906. Os exames finais fatigaram-no ainda mais. Por isso, Dom Prior disse também o que outras vezes nunca fizera: Estou cansado, vou me demorar mais tempo na Serra do Baturité. Concluídos os exames, acompanhou os alunos, como em sua paternal solicitude costumava fazer todos os anos para a Capital e depois dirigiu-se para a Serra do Baturité, com o fim de procurar nela descanso e alívio. Passou lá 3 semanas em companhia de Dom Ruperto. Mas, infelizmente, este repouso não era mais suficiente para restabelecer-se seu organismo demasiadamente fatigado e exausto.

O Reverendo Dom Prior voltou para Santa Cruz uma semana antes do Natal, sem que notássemos melhoramento de sua saúde e, já então, andava com pressentimento da morte.

Mais tarde, adoecido mortalmente, contou ao Senhor Vice-Reitor do Colégio, Dr. Adolfo Siqueira de Cavalcanti, o seguinte traço de sua vida: Ainda moço, postulante na Abadia de Emaus, em Praga, foi, em 1892, acometido duma grave

moléstia de peito, manifestaram-se nele sintomas de tuberculose; os médicos ordenaram a cessação de todos os estudos. Falou-se na sua retirada da Ordem. Então, ele, em ardente súplica, rogou a São José, que lhe alcançasse mais 15 anos de vida para estudar, ordenar-se e trabalhar pelo bem das almas.

Ora, o prazo estava para esgotar-se em janeiro de 1907. Ao despedir-se dos alunos na classe superior dissera-lhes saudosos adeuses, que os deixavam enternecidos e surpresos pelo modo porque eram ditos. Ao descer da Serra de Baturité, saudava-a, dizendo não mais revê-la. Chegou para o Mosteiro no dia 17 de dezembro. As obras no novo Mosteiro tinham progredido a tal ponto que, a nova casa podia ser ocupada. Arranjou o falecido Dom Prior os últimos preparativos, com grande satisfação de todos, indicou a cada um sua cela e designou os lugares regulares. Na véspera do Natal, efetuou-se a entrada no novo Mosteiro. Na manhã do mesmo dia, o finado benzeu todos os lugares solenemente.

Na noite de Natal, Dom Prior não descansou nada. Às 11:30 começou o santo ofício, no qual era oficiante. Cantou a missa da meia-noite e as Laudes. Depois disto, foi à California, fazenda que dista seis léguas (noite escura e caminhos ruins), onde chegou às 4 horas da madrugada. Ouviu muitas confissões, batizou e celebrou. Logo depois, montou de novo a cavalo e seguiu para Fonseca, outra fazenda que fica perto de Quixadá, onde bateu 11 horas quando estava na elevação. Descansou algumas horas e chegou ao Mosteiro às seis horas da noite para receber a gratulação oficial do Natal. Podia-se talvez dizer, que extravagancia de Dom Maurício! Mas não! *Charitas Christi urget me*, dizia sempre Dom Prior. Havia milhares de pessoas na California, esperando horas inteiras pelo Padre; a estes não podia deixar sem o consolo, que o Menino Jesus veio trazer ao mundo. Se São Francisco Xavier exclamava: *Satis, Domine, satis*, nas doçuras celestes, nosso Dom Prior exclamava: *Nunquam satis*, onde posso ajudar e consolar problemas!

Dom Prior ocultou, nos dias seguintes, seu cansaço, pois assistiu a todos os exercícios regulares e dirigiu como sempre os trabalhos. Antes do fim do ano, deu ainda o retiro espiritual à Comunidade. Assim, renovados e animados, felizes de habitar esse novo Mosteiro tão belo, com suas grandes celas, seus corredores espaçosos, seus lugares regulares, em suma, um verdadeiro Mosteiro. Depois de ter passado tantos anos naquela choupana de taipa, entramos no novo ano. Tudo pareceu prometer um novo período feliz e florescente para este Mosteiro de Santa Cruz, ao passo que em Dom Prior se notou uma certa aflição, mitigada por uma grande ternura e acompanhada de sua alegria constante.

O novo ano entrou e no seu seio trouxe esta provação mais dolorosa que todas as demais que a precederam, apenas iniciado, descarregou sobre nós este golpe

duríssimo. Foi no dia do Ano Bom mesmo que o nosso caro Dom Prior apanhou o gérmen da doença mortal. Neste dia, ele foi para Quixadá a fim de assistir à Missa solene e à procissão que ali, no Ano Bom, de costume se celebram. O Reverendo Padre Vigário, nosso fiel e prezado amigo, o tinha convidado. Levou consigo o Reverendo Dom Acário, a quem quis proporcionar a ocasião de ver uma festa religiosa no Brasil. Ora, em Quixadá, tinham imigrado recentemente uns italianos, pertencentes ao parentesco do Senhor Paracampo, cidadão daquela cidade. Estas pessoas já inficionadas da febre amarela, introduziram-na nesta cidade que aliás, gozava da fama de excelente salubridade. Como, porém, em Quixadá a praga dos mosquitos se faz bem sensível, a terrível doença já achou bem-preparado o solo para a transmissão do vírus e, em breve, deram-se quatro casos letais na mencionada família. Por meio de insetos, provavelmente, a doença invadiu também o nosso caro Dom Prior. Ele tomou, ainda em Quixadá, a precaução de não pernoitar na cidade, mas, no sítio de Fonseca, um tanto distante de Quixadá, para não expor ao perigo a Dom Acário.

No dia seguinte, voltaram ambos, alegres e bem-dispostos ao Mosteiro. Dom Prior andou ainda entre nós, até o dia 7, trabalhando com sua conhecida energia e animação, que tanto o distinguiam. Ocupou-se com os preparativos para o novo ano escolar, em que devia funcionar a 5ª classe. Conversou com os professores a respeito de suas matérias. Ainda no sábado, véspera da Epifania, pintou no grande quadro da Imaculada Conceição, que ele fizera para o altar-mor da igreja. Na festa da Epifania, Dom Prior era celebrante, tanto na Missa solene, como nas Vésperas. No dia seguinte, 7 de janeiro, falava no recreio em sentir alguma coisa na cabeça como indício do que viesse. Não tomou mais parte no passeio comum, alegando para isto alguns motivos pouco sérios. Saiu para dirigir ainda alguns trabalhos no novo Mosteiro. Pobre Dom Prior! Um dia depois que as obras pararam, ia descansar também o mestre de obras!... tudo chegou, graças a Deus, a tal ponto, que o sucessor de Dom Maurício só precisa continuar, o que certamente é muito mais fácil, do que resolver muitos problemas, como Dom Prior os encontrou e resolveu otimamente. Mas voltamos ao nosso assunto principal.

Na segunda-feira à tarde, Dom Prior assistiu, como de costume, às Matinas. Nas Laudes da manhã seguinte, o lugar de Dom Prior no coro ficou desocupado, o que todos estranharam. Tinha lançado durante a noite, e quando Dom Lucas, o cuidadoso enfermeiro do Mosteiro, entrou na cela de Dom Prior, este lhe falou logo em morrer. Sentiu-se atacado de intensas dores de cabeça e dos rins, acompanhadas de febre e calafrios. Às 10 horas da manhã, veio o visitar o Vice-Reitor do Colégio, Dr. Adolfo Siqueira de Cavalcanti. Estou gravemente enfermo, disse a ele, da febre amarela, mandem chamar o médico. Contou então, o que referimos acima, de sua súplica a São José e acrescentou que ia morrer. O

médico chegou na tarde da terça-feira. Ao princípio, não quis concordar com a diagnose, que de seu estado, Dom Maurício mesmo fizera. Mas, no dia seguinte, quarta-feira, reconheceu os sintomas certos da febre amarela. Então, tornou-se preciso isolar o enfermo da Comunidade. Vou para o meu quarto de dormir na reitoria do Colégio, disse Dom Prior. Queriam levá-lo em uma rede. Riu-se disto. Tomou a túnica e foi a pé firme para a casa de sua morte. Atravessando a Capela, fez ali sua última adoração. Com os braços estendidos, entregou-se inteiramente a Deus. Isto deu-se depois do meio-dia. De manhã, tinha recebido a Santa Comunhão.

Na sexta-feira, depois do meio-dia, entrou o segundo período da doença com os vômitos pretos. Agora, Dom Maurício mandou chamar o seu confessor, Dom Ruperto, fez sua confissão e, em seguida, declarou-se a respeito de sua sepultura. Pediu que o sepultassem na cripta, no presbitério da Capela e indicou os pormenores, como deveria ser feito. Eu morro com gosto, disse-lhes repetidas vezes e mostrou-se sempre valente e de ânimo sereno. Só quando revelou a dó que sentia por deixar sua Comunidade, que abraçava com a mais terna afeição, e chorou. Mas logo retomou o ânimo. Entretanto, a doença fez rápido progresso, todos os remédios não aproveitaram, os rins desistiram de funcionar, pediu que Dom Bonifácio [Janssen] lhe administrasse o Santo Viático e a Extrema-Unção no dia seguinte. Na manhã de sexta-feira, durante a Prima, alguém veio bater com grande ímpeto na porta da igreja. Era o criado que vigiava no quarto de Dom Prior, dizendo que o doente queria, sem demora, receber os últimos sacramentos. Imediatamente, Dom Bonifácio corre para a cela de Dom Prior, e na cerimônia mesma, observou em tudo o ritual monástico. Com voz firme, rezou o enfermo o Confiteor e as demais orações; renovou com muita unção e voz clara a sua profissão e recebeu com fervorosa e terna devoção o Senhor, em cujo serviço tinha consumido suas forças. Às 8 horas da manhã, mandou chamar de novo Dom Bonifácio para com ele regular os negócios temporais e distribuiu então algumas lembranças a todos os membros da Comunidade. Comunicou-lhe Dom Bonifácio que chegaram cartas e um livro de Emaus. Quis vê-las e, do livro, disse: É um presente de meu antigo Abade de Emaus. Beijou-o respeitosamente e acrescentou: Oh, como é bonito, se o monge é amado por seus superiores. Entregou de novo o livro a Dom Bonifácio com a ordem de agradecer ao Abade de Emaus e comunicar a ele que recebera o presente no leito da morte. Entre outras coisas, Dom Prior disse a Dom Bonifácio: Mas eu tenho uma natureza forte, já estou três dias com febre, sem comida e sem dormir e o pulso bate com uma força admirável. É muito importante que não se perca a coragem nesta doença. Hoje, de manhã antes de receber o Viático, fiz ainda por isto ginástica no quarto. Perguntou depois que horas eram e ouvindo que era tempo para o almoço, não consentiu que Dom Bonifácio se demorasse mais tempo.

Na medida em que a dissolução se aproximava, sua alma sempre se revelava mais e mais valente e heroica. Conversou quase todo o dia. Mais ou menos às 2 horas da tarde, pediu uma pena com uma folha de papel e, com a mão trêmula, escreveu o seguinte telegrama ao Reverendo Senhor Dom Abade no Rio: Estou com febre amarela. Peço perdão pelas faltas. Peço bênção paternal. Comunidade boa. Adeus. Maurício.

À tarde, levantou-se, veio até o alpendre e exclamou: Deixe-me ver este mundo ainda uma vez. E voltando para seu quarto, cantou, com voz forte e animada, três vezes o *Suscipe*, junto com Dom Lucas, e o salmo *Laetatus sum*. Dom Lucas atendendo ao estado do enfermo, para quem o médico já tinha abandonado toda a esperança, entoou os três *Sucipe* no mesmo tom. Mas, Dom Maurício mesmo levantou cada vez o tom mais alto.

Nesta tarde, veio também o Padre Vigário de Quixadá visitá-lo. Ficou ele de tal maneira impressionado, que chorou amargamente, mas Dom Maurício mesmo o consolou: Não chore, meu caro amigo, disse-lhe mostrando-se alegre e sereno: Onde se poderá morrer com alegria senão no Mosteiro. O Padre Vigário confessou depois sua suma admiração pela extraordinária energia e coragem de Dom Prior.

Foi também na sexta-feira, de tarde, que o nosso bom Irmão leigo, Casimiro, por intermédio de Dom Bonifácio, conseguiu entrar no quarto do moribundo. Ajoelhou-se junto do leito, pediu perdão das faltas e agradeceu ao mesmo tempo. Então falou-lhe Dom Prior: Olha, meu querido Irmão Casimiro, faz agora 15 anos que nos encontramos na enfermaria de Emaus e é também numa enfermaria que nos despedimos. Ao qual respondeu Irmão Casimiro: Sim, mas Vossa Reverência está agora tão pertinho do céu! Dom Prior, em sua profunda humildade, replicou: Quem sabe, o Senhor entrou antes de mim na Ordem de São Bento e fica nela mais tempo. Eu vou entrar antes do Senhor na outra enfermaria e talvez vou saber mais tarde... Em seguida, levanta-se Irmão Casimiro e despede de Dom Prior com as palavras: Boa viagem, Dom Prior, para a eternidade! O moribundo devia rir-se por causa desta simplicidade e disse: Eu espero que com a graça de Deus, será feliz a minha viagem.

A Dom Bonifácio disse Dom Prior: É uma coisa singular o morrer. Ainda não tenho experiência nisso. Ainda que muito abatido, Dom Bonifácio não podia conter o riso. Destarte, o moribundo mesmo procurava animar e entreter a todos.

Na noite, depois das 9 horas, mandou chamar Dom Bonifácio, de quem quis receber a bênção apostólica *in articulo mortis*. Nesta mesma ocasião, o moribundo encarregou a Dom Bonifácio de dizer que do leito da morte abençoava *ex toto corde* a todos os Irmãos de Santa Cruz, a todos os benfeitores, os amigos e conhecidos do Mosteiro e pronunciou em seguida, com voz forte as palavras da bênção: *Benedictio Dei Patris* etc. Fazendo ao mesmo tempo um grande sinal da Cruz. Falando em particular com Dom Bonifácio do seu querido Mosteiro

de Santa Cruz, disse: Eu penso que Deus não me separará inteiramente desta fundação no Ceará. Serei o anjo da guarda dela. O médico tinha previsto a morte dele para a sexta-feira de noite, mas ela encontrou em Dom Maurício um espírito mais que ordinariamente forte e vigoroso e assim, entrou naquela luta renhida, que não se devia terminar senão na noite de Domingo, após 48 horas. Quase todo esse tempo entretinha-se com Deus em seus colóquios e preces fervorosas. A animação da sexta-feira foi seguida duma reação no sábado. Sentindo-se muito fraco e abatido, falou mui pouco, apenas para exprimir seu desejo de morrer neste dia por ser de Nossa Senhora, de quem era grande devoto.

Começaram deste dia, dores horríveis no ventre, que duraram até a morte. Estas se repetiam quase todos os cinco minutos, umas vezes mais raramente, outra mais fortemente. Dom Prior pulava então por causa da dor indescritível que sentia, para o alto, torcia a cara, mas nunca proferia a mínima querela. Depois do meio-dia, chamou Dom Bonifácio, pediu dele a absolvição geral e regulou com ele definitivamente o que dizia respeito ao enterro. Dom Prior mesmo encomendou seu ataúde e seu sepulcro, por ser o dia seguinte Domingo. Esperava sempre poder morrer no sábado de noite. Modificou o que tinha ordenado dias antes e quis que lhe preparassem por cova sua um vão de alvenaria à cabeceira do sepulcro do Irmão Benno no claustro do velho Mosteiro de taipa.

Às 4 horas da tarde, chegou o Reverendo Padre Dom Subprior Macário, da Serra do Baturité. Para lá tinha sido mandado por Dom Prior celebrar a festa do Menino Deus no dia de Ano Bom na matriz de Conceição e descansar uns 15 dias. Agora foi chamado por telegrama e veio. Entrando no quarto do enfermo, e pedindo-lhe a bênção, começou a chorar. Não chore, Dom Subprior, consolou-o Dom Maurício: Eu vou morrer, porém isto é tudo bom. Isto é para nos humilhar, para nos santificar. Por meu gosto ficaria, meu coração está aqui, contudo, *non recuso laborem, non recuso mori, fiat voluntas Dei*. Então, Dom Macário leu-lhe a resposta do Reverendíssimo Senhor Dom Abade a seu telegrama, em que sua Excelência lhe enviava sua bênção, comunicando-lhe que fizera um voto a Nossa Senhora de Pompeia e que avisara a toda Congregação que oferecesse missas e orações. Dom Maurício ouviu-a com grande atenção e gratidão. Cuidadoso como sempre era para com seus súditos, pediu a Dom Subprior, que se retirasse para descansar. Voltando o mesmo mais tarde, encontrou Dom Maurício numa cadeira. Perguntou-lhe este: Como gostou da Serra, Dom Subprior? E como Dom Macário lhe respondeu que tinha gostado muito, disse: Folgo muito, se eu tenho de dizer ainda alguma coisa, voltará de novo para lá e isto com a Comunidade, mas não para sempre. Dom Macário agradeceu ternamente e Dom Prior também com ternura respondeu: Só Deus sabe quanto eu vos quero bem. Fora de Deus, não tenho neste mundo, a quem amo tanto, como a todos meus Irmãos desta Comunidade. Choraram ambos.

Dom Subprior mostrava intenção de ficar com ele, mas, Dom Maurício de novo insistiu que se retirasse para descansar da viagem e só se deu por contente quando este lhe pediu por amor de Deus, de permitir-lhe esta obra de caridade. Dom Macário ficou então com ele até o fim. Só deixou o enfermo para dizer a missa de Domingo, às 9 horas. O doente sofreu dores cruéis, pois desde o dia anterior tinha cessado o escoamento da urina. O remédio que o médico lhe tinha aplicado só serviu para tirar ao longo a dissolução. Notando isto, Dom Maurício recusou tomá-lo. Declarou a Dom Macário que jamais na sua vida sofrera tanto como nestes cinco dias. Isto é, fisicamente. Assim, passou vagarosamente a noite. Depois da meia-noite, lembrou-lhe Dom Macário que queria fazer a encomendação da alma e lhe pediu com muita instância que lha fizesse. Então disse ele: está tudo pronto. Com devota atenção, as mãos postas, seguiu as orações. As horas da madrugada passaram também entre sofrimentos indizíveis. Parecia que a morte não entrasse antes do meio-dia.

Depois das 9 horas, Dom Macário pediu licença para se ausentar a fim de celebrar a Missa pelo moribundo. Pouco depois do meio-dia, começou a delirar por alguns minutos, mas recuperou logo o pleno uso dos sentidos e não o perdeu mais até o último suspiro. Por todo esse tempo, o pulso funcionava regularmente assim que aos enfermeiros, por instantes, parecia nascer um raio de esperança. Entretanto, porém, a morte aproximava-se com passos lentos, mas seguros.

Cumprir mostrar aqui que durante toda a doença o Vice-Reitor do Colégio, nosso fiel e prezado amigo, o Senhor Dr. Adolfo Siqueira de Cavalcanti, assistiu ao caro enfermo com uma dedicação sem igual. Nos últimos dias e momentos, não largava mais do seu lado. Às 5 horas da tarde, começa a falhar o pulso, até que, de todo desaparece. O coração, porém, palpita com uma força tal que parece querer quebrar-lhe as costelas. Dom Macário lhe diz: Dom Prior, parece que o fim está perto e que Deus vai chamá-lo. Rezemos os atos e dar-lhe-ei a santa absolvição, enquanto ainda está com todos os sentidos. Respondeu: Eu também penso assim, meu caro Dom Subprior, mas dê-me água, muita água, para que eu possa falar. Satisfeito este pedido, fez o sinal da Cruz e as mãos postas, recita com o Padre os atos com uma devoção e fervor que comove a lágrimas os assistentes. Reza o confiteor e recebe a santa absolvição. Um pouco antes de 7 horas, reza-lhe o Padre as jaculatórias *in expiratione*, pois começa a agonia. Dom Macário quer cantar o *Sucipe*, mas com todos os esforços que fizesse, não pode. A voz é sufocada pela imensa dor. Acode-lhe Dom Bonifácio, que estava sempre perto, avisa-se a Comunidade pelo toque do sino, de que a agonia entrou. Esta, porém, dura mais de uma hora. Os olhos não queriam quebrar. Dom Macário exclamou: Ah, meu Deus, Dom Prior morre polegada por polegada, os pés e as mãos já são frios. E assim, foi. O coração não quis render-se. Ainda pouco antes de morrer, Dom Prior mesmo palpava os dedos para ver seu estado. Os sentidos e a lucidez

do espírito não abandonam o enfermo até o último instante. Com os olhos abertos, fixos no Crucifixo, reza junto com Dom Macário agradecendo cada vez que este lhe dá a santa absolvição. Cerca de 8 horas cruza os braços sobre o peito. Com seu Crucifixo, seu terço e a vela benta nas mãos, fecha mesmo os olhos e pouco a pouco, placidamente expira repetindo: *Ach Gott, mein Gott*, Oh meu Deus, meu Deus. Foi às 8 horas e 6 minutos quando sua alma subiu ao trono de Deus. Cessou de bater esse coração, abrasado de um amor fervente para com seu Deus, dum santo zelo para seu serviço. Esse coração generoso e nobre que sempre nutria em si o afeto pela Providência de Deus.

Durante estes dias de sofrimento em que Deus o quis consumir, Dom Maurício revelou diversas vezes por rasgos tocantes o que no seu coração havia de heroísmo, vigorosa fé e de amor ardente com que buscava a Deus. Sábado de tarde, Dom Macário consolando-o lembrava-lhe o provérbio dos antigos: *Dulce et decorum est pro hominum salute. Utque, Domine*, respondeu Dom Maurício. Os gregos diziam, continuou Dom Prior, recitando o texto grego e traduzindo-o logo em seguida: A quem os deuses amam, morre moço. Quando em outra ocasião Dom Macário lhe lembrava tudo que ele tinha trabalhado e sofrido por Deus na sua árdua posição e, em que pouco, gozaria do prêmio da justiça, replicou ele: *Magis mihi placuisses si de minimis locutus fuisses*. Outra vez o moribundo dizia: Meu Deus, meu Deus, meu Deus. Dom Macário acrescentou: Para que me desamparaste... Isto não, respondeu-lhe logo Dom Prior. Frequentemente repetiu em suas imensas dores: Mas assim nunca se morre! Recitava, quase continuamente versos dos salmos e outras palavras da Sagrada Escritura. Domingo de tarde, ainda rezou: *Oh quam bonus est Deus, animae quaerenti illum*. Foi uma morte santa, uma morte preciosa.

Aos membros da Comunidade, fora dos mencionados, era vedado o acesso ao enfermo durante a doença. Nos últimos instantes, porém, conseguimos entrar no quarto onde o nosso Dom Prior consumou seu sacrifício e cada um lembrou-se espontaneamente do verso: *Pretiosa in conspectu Domini mors sanctorum ejus*. Lavou-o e vestiu-o depois, Dom Subprior e deitou-o no caixão, vestido do hábito monástico, não esquecido o solidéu, tendo espalhado algumas flores, Saudades, sobre o peito, fechou-se então para sempre a cobertura...

Às 3 horas da madrugada, fez-se o enterro. Mas imaginai: foi ainda noite escura, a luz das lanternas e das tochas apenas suficientemente esclarecia aquele caminho ruim, que desce da igreja para o velho Mosteiro. As sombras vacilantes dos assistentes aumentavam ainda o que o cortejo fúnebre tinha de fantástico. Pareciam os Irmãos defuntos que vieram acompanhar o nosso chorado Dom Prior ao lugar de seu último repouso. Enquanto o sino com seu elegíaco som pranteava o morto, cantamos nós salmos e o *Benedictus* até a sepultura. Feito o enterro, voltamos à igreja, onde às 4 horas, logo se cantou a missa Requiem,

na qual comungamos todos. No fim da Missa, disse o celebrante, Dom Macário, umas palavras edificantes ao povo que tinha aparecido numerosamente. Declarou-se nesta ocasião que jamais tinha visto morrer um homem, padre ou leigo, com tanta fé, tanto gosto e entusiasmo.

Depois, às 5 horas tomamos alguma refeição e montamos a cavalo com o fim de alcançar o trem que nos deveria levar de Quixadá à Baturité, onde chegamos no meio-dia. Tomado o almoço, realizou-se a subida à Serra de Baturité e, de tarde, acolheu-nos a casa hospitaleira do Senhor Comendador José Gomes Barboza, em Conceição. Pernoitamos todos nela e, no outro dia, terça-feira, fomos distribuídos em grupos de três em três e abrigados em quatro casas situadas em Conceição mesmo e na circunvizinhança. Ficamos em Conceição na casa do Senhor José Gomes Barboza, Dom Macário [Schmitt], Dom Acário [Demuynek]; Dom Ruperto [Rudolph], com dois irmãos leigos, Casimiro [Moschner] e Conrado [Ganzmann] acharam abrigo na casa do Senhor Coronel Dadá, no sítio Uruguaiana; Dom Lucas [Heuser], com Dom Amando [De Bruyn] e Irmão Tomé [Günter] foram acolhidos pelo Senhor Capitão José Marinho de Góes, no sítio São José; Dom Wilibrordo [Sombroek] e Dom Adalberto [Kaufmehl], com o irmão José [Will], encontraram um asilo hospitaleiro no sítio Bom Retiro, propriedade da Senhora Dona Maria de Jesus de Holanda. Nosso bom Deus, querendo provar os seus, também está com eles com a sua consolação e os guarda com cuidado paternal, isto experimentamos também na hora desta nossa provação tão dolorosa. Os nossos hospedeiros nos acolheram e trataram com esquisita caridade e delicadeza. O Pai do céu, para consolação e edificação nossa, nos fez ver homens verdadeiramente bons, caridosos. E sua admirável sabedoria os tinha previsto para socorrer-nos nesta necessidade. *Misericordia Domini in aeternum cantabo*. A não faltar os benefícios que temos recebido, confessamos comovidos, que essa caridade vimos exercendo para conosco com tanto desinteresse e generosidade, nos serviu de exemplo que poderemos à força imitar, mas, nunca sobrepujar. Recomendamos os nossos caros e distintos benfeitores as orações dos nossos caros Irmãos. O médico, primeiro tinha previsto uns 15 dias que devíamos ficar na Serra de Baturité, depois ordenou mais oito ou dez dias por achá-lo mais seguro. Durante este tempo, fez-se a desinfecção do Mosteiro e do Colégio.

Neste exílio nos vieram as condolências de toda parte. A morte de Dom Maurício tinha causado surpresa e sensação. Os jornais de todas as cores trouxeram necrológios honrosos. Mandaram logo telegramas de condolências o Reverendíssimo Senhor Bispo diocesano e o Excelentíssimo Senhor Presidente do Estado. Tanto em Fortaleza como em Quixadá, foram celebradas muitas missas em sufrágio do defunto tão amado e estimado. E isto não só a pedido das Oblatas beneditinas e dos alunos do Colégio São José. Mas também, a pedido

de pessoas amigas de Dom Maurício. Após três semanas, para não usar demais da hospitalidade dos nossos benfeitores, alugamos uma casa em Conceição, pertencente ao Monsenhor Leorne e reunimo-nos nela para aqui aguardar o termo de nosso exílio.

Nesta casa chegou-nos a carta do Reverendíssimo Senhor Dom Abade, que nos fez cientes que havemos de receber como nosso Prior o Reverendo Dom Amaro van Emelen. Na outra semana, depois do Domingo da Quinquagésima, vamos, se Deus quiser, voltar ao nosso Mosteiro de Santa Cruz. Certamente, Deus ouvirá as preces do nosso saudoso Dom Prior, seu fiel servo e concederá a este Mosteiro, tempos propícios, uma vida florescente, acréscimo da família em número e méritos.

Foi só aqui na Serra de Baturité que o cronista pode compor este relatório, porque agora se acha junto com Dom Macário e Dom Ruperto, que tiveram a dita de assistir ao caro falecido no decurso da doença, ao passo que, quem escreve estas toscas linhas, apenas viu-o nos últimos momentos. Como aqui nesta casa moramos só transitoriamente e a instalação, portanto, é a mais primitiva possível, escreveu-se o presente relatório sob circunstâncias pouco favoráveis. Pede, portanto, quem o fez, dos caros Irmãos vênia dos defeitos que acharem a esta crônica, sendo que o caro defunto merecia quem melhor lhe escrevesse o seu necrológio.

Deus nos conceda uma morte santa como a teve o chorado Dom Maurício. Bem notou Dom Macário que nenhum dos que morreram de febre amarela teve um enterro e exéquias como as de Dom Maurício. A saber, com todas as cerimônias do Ritual e isto porque o finado Dom Prior como monge e verdadeiro beneditino brilhava sempre por seu zelo para a sagrada liturgia e de outra parte, porque assistiu com caridade heroica aos Irmãos que morreram de febre amarela em Olinda, no ano de 1899.

No dia 19, celebrou-se na matriz de Conceição o ofício dos defuntos e a missa solene do sétimo dia, tendo concorridos dos seus diversos asilos os Irmãos. Pedimos aos nossos caros Irmãos que nos apoiem com suas fervorosas orações para que saibamos e possamos tirar dessa provação o proveito que Deus a ela ligou.

Oremos pro invicem

Saúda cordialmente a todos os caros irmãos nossos

O cronista

Posfácio da crônica mortuária

O Colégio São José funcionou, apenas, até 1909. Suas atividades foram encerradas devido à reforma educacional realizada no Governo presidencial de Nilo Peçanha. Embora canonicamente erigido em Abadia desde 1903, somente em 1911 o Mosteiro de Santa Cruz teve seu primeiro Abade na pessoa de Dom Ruperto Rudolph. Em 1913, utilizando as instalações do extinto Ginásio São

José, Dom Ruperto fundou uma escola de oblatos, crianças endereçadas à vida claustral, que ali funcionou até o ano de 1915, quando a situação econômica do Mosteiro foi agravada pela seca e o Visitador Apostólico, Dom Lourenço Zeller, determinou a transferência de Dom Ruperto Rudolph, juntamente com a comunidade, para o Mosteiro da Bahia, para onde também foram trasladados os restos mortais de Dom Maurício Prichzy (Luna, 1953, p. 830). Dom Wandrilo Herpierre, no entanto, permaneceu sozinho no Mosteiro de Santa Cruz até o ano de 1928, quando, então, regressou a Alsácia, sua terra natal. O complexo monástico foi vendido à Arquidiocese de Fortaleza que, por sua vez, o entregou às Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição (Sousa, 1948).

Do Mosteiro de Santa Cruz, Dom Acário Demuynek foi para o de Santo André, na Bélgica, e, em 1908, fixou sua estabilidade na Abadia fluminense. No ano seguinte, foi enviado à Missão do Rio Branco, no atual estado de Roraima. Contando com 33 anos de idade, faleceu de febre amarela, no ano de 1911 (*Necrológio* 275).

Na transcrição do manuscrito, embora atualizando a ortografia, alterando a pontuação e expandindo algumas abreviaturas, houve preocupação em preservar a maior literalidade possível do texto original escrito por um estrangeiro que deixa transparecer sua empatia para com seu confrade estrangeiro numa terra estrangeira castigada pela natureza, mas que lhes permite viver a vida com altruísmo e docilidade na ocasião em que, do outro lado do Atlântico, despontava a fenomenologia, tema assumido por Edith Stein (2004), a futura Santa Teresa Benedita da Cruz, que defendeu sua tese de doutoramento abordando *O problema da empatia*, que é o saber vivenciar, compartilhar, a experiência do outro, como é o caso do cronista que, por meio da redação, deixa transparecer vividamente sua empatia para com o confrade agonizante. O cronista extrapola sua empatia para com o agonizante ampliando-a ao tecido comunitário local e a outros indivíduos que integram a comunidade beneditina internacional, como os Abades do Rio de Janeiro e de Emaús, em Praga, aos quais Dom Maurício Prichzy se encontrava intimamente ligado por laços espirituais. Finalmente, e ainda em conformidade com Edith Stein, o cronista apresenta uma trama social, um entrelaçamento espiritual, que ultrapassa os limites físicos e geográficos, formando um mundo comum entre os empatizantes da grande família beneditina.

Ainda hoje, a memória de Dom Maurício permanece viva através do orago da Vila do Estêvão, comutado por Dom Maurício, no distrito de Quixadá, onde se encontra o Mosteiro transformado em Casa de Repouso São José.

Referências

BEZERRO I – Atas dos Capítulos Gerais e Juntas Gerais da Congregação Beneditina de Portugal. 1570-1611. Arquivo Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro.

DIETÁRIO do Mosteiro de São Bento da Bahia (1582-1815): edição diplomática. Salvador: EDUFBA, 2009.

FRAGOSO, Mauro Maia Fragoso. A criação da Congregação beneditina luso-brasileira no século XVI, in *Coletânea*. Rio de Janeiro: Faculdade de São Bento, Ano XIV Fascículo 27 p. 177-192, Jan./Jun. 2015.

JONGMANS, Jacques. A Restauração da Congregação Beneditina Brasileira: o papel de Dom Gérard van Caloen (1895-1907). Monografia apresentada a Universidade Católica de Louvain, Faculdade de Filosofia e Letras, [1971] 1972, tradução do original em francês. Arquivo Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro.

LUNA, Joaquim Grangeiro de. *Os monges beneditinos no Brasil*. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1947.

LUNA, Joaquim Grangeiro de. *Os monges beneditinos no Ceará*. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1953.

NECROLÓGIO 275, Dom Acário Demuynck. Arquivo Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro.

SCHERER, Michael Emilio. *Frei Domingos da Transfiguração Machado*. Rio de Janeiro, Lumen Christi, 1965.

SOUSA, José Bonifácio de. Serra do Estevão: dados geográficos, e históricos – fundações religiosas. In *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1947, Separata 1948.

STEIN, Edith. *El problema de la empatia*. Madrid: Trotta, [1917] 2004.

Artigo recebido em 06/05/2025 e aprovado para publicação em 13/05/2025

Como citar:

FRAGOSO, Mauro Maia. Dom Maurício Prichzy: um beneditino boêmio no sertão cearense. *Coletânea*. Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. 24, n. 47, p. 75-90, jan./jun. 2025. DOI: <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v24i47-2025-4>